

A UNIVERSIDADE E A SOCIEDADE NO DIVÃ DO PSICANALISTA: DOS DESAFIOS QUE SE IMPÕE A UNIVERSIDADE, ENQUANTO FILHA BASTARDA DO ESTADO¹

Wrana Panizzi²

Texto para Discussão - 12

Texto Publicado em: 14/07/2020

1 INTRODUÇÃO

A universidade é uma instituição milenar, isto é, um agente de construção e de sustentabilidade dos processos civilizatórios da humanidade. É presença secular e capilar mundial. No Brasil, é centenária e constitutiva de um importante sistema federal de instituições presentes em todo o território nacional. Nesta longa trajetória de construção e de reconstrução, a universidade, tem marcado sua presença resiliente com profundidade e viva atuação, disponibilizando à humanidade em diferentes processos instrumentos científicos, educacionais, tecnológicos e profissionais, geradores de avanços e de desenvolvimento das sociedades, atendendo suas demandas e necessidades.

A presença e seus feitos da universidade, ao longo do último século, também têm lhe permitido angariar respeitabilidade, permanência e valor universal. Mas, paradoxalmente, esta, por outro lado, tem sofrido críticas provenientes de governantes, políticos e representantes de diferentes setores da sociedade. Críticas essas que tem origem em setores da sociedade que menosprezam o conhecimento, a ciência, a tecnologia, a cultura e os valores sociais. E isso, em tempos estranhos e “bicudos” como os que estamos vivendo, se expressa de maneira mais frequente e contundente através de políticas e discursos oficiais que operam sem nenhum embasamento científico, num quase exercício de espontaneísmo canhestro daqueles que hoje operam, por exemplo, as políticas de saúde e combate a pandemia em nosso país.

¹ Texto para discussão do Observatório Socioeconômico da COVID-19, projeto realizado pelo Grupo de Estudos em Administração Pública, Econômica e Financeira (GEAPEF) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e que conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERS) por meio do Edital Emergencial 06/2020 como resposta à crise provocada pela pandemia da COVID-19.

² Professora Titular Doutora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: wrana@terra.com.br

Porém, mesmo assim, e “apesar de”, é a Universidade que a sociedade recorre em busca de respostas as suas demandas, as suas urgências e é, nesta, também, que repousa a sua confiança. Podemos dizer que é a ela – universidade – que a sociedade “pede socorro”, onde encontra a liderança necessária e de que sempre recebe a solidariedade. Com isto, tem-se que nesta inimaginável e não pensada crise que chega e se instala, pelo lado da saúde, a qual têm tido impactos profundos em toda a vida socioeconômica, político-institucional, identitária e cultural, é na Universidade, mais uma vez, que a sociedade tem buscado um “porto seguro”. Instituição essa que é sempre visualizada como a principal referência no que tange a busca por conhecimento, solidariedade e valores que possam orientar todos os atores e agentes sociais. A Universidade surge, nessas ocasiões como *locus* de liderança, de resistência e de aglutinação. É assim lembrada!... E em alguns importantes momentos!

Não é pouco o que a Universidade tem a oferecer e o que ao longo do tempo produziu. Não é pequena a sua potencialidade para, hoje, ser disponibilizada, construir propostas e ativos para a solução das questões decorrentes da pandemia de COVID-19. Para tanto, dois são os movimentos a serem perseguidos. O primeiro refere-se ao reconhecimento de que as universidades têm incalculável acervo de conhecimentos, parâmetros e respostas científicas e tecnológicas capazes de fundamentar descobertas e avanços disponibilizados à humanidade no sentido de encontrar os meios de combate à crise sanitária presente e de prever o enfrentamento dos desafios, incertos e inesperados, que se põem aos novos tempos advindos da crise fulcral que afeta as diferentes áreas e setores da vida. Conhecimento esse materializado em respiradores de baixo custo desenvolvidos em nossas universidades, bem como, no estágio bastante avançado em que já estão algumas vacinas experimentais que estão sendo desenvolvidas, inclusive, em centros de pesquisa ligados a diversas universidades brasileiras e/ou em regime de cooperação internacional.

O segundo momento consiste em identificar os desafios de caráter e natureza desconhecida que esses novos tempos apresentam. De modo especial, aqueles que afetam a incertitude, a extensão e a surpresa das formas como a nova ordem mundial – em estabelecimento – atinge frontalmente as instituições universitárias, a sociedade e a vida humana em geral que, até o momento, tem demonstrado exigir que se conforme um novo modo de se relacionar com os outros, de trabalhar e de consumir, por exemplo.

2 DISCUSSÃO

2.1 Da Anamnese

O progresso resultante do trabalho, às vezes, moroso e quase “artesanal”, de pesquisadores e cientistas ao longo do tempo, além de extraordinário acervo e riqueza patrimonial chega até parecer “mágico” diante das aventuras vivenciadas pelos artífices da ficção científica que assume ares de possível realidade a instigar a humanidade. É desta forma que James T. Kirk expõe as suas peripécias que outra coisa não são do que “fantasias” (realidade fantástica!?) a nos provocar a imaginação. E neste sentido, lembro aqui a conhecida frase de abertura da série de TV – Jornada nas Estrelas – em que o mesmo diz:

O espaço...

A fronteira final...

Estas são as viagens da nave estelar Enterprise, em sua missão de cinco anos para explorar novos mundos, pesquisar novas vidas, novas civilizações...

Audaciosamente indo, onde nenhum homem jamais esteve!

Daí porque o fazer acadêmico – construção do conhecimento –, aparentemente mais lento, mas, certamente mais fundamentado e testado, apresenta maior consistência e veracidade. Nesse sentido, as aventuras de Kirk ainda são uma ficção, longe de ser tornada realidade.

Para os que produzem conhecimento, promovem instrumentos técnicos, fabricam invenções e explicam a realidade, a sua concretude *pari passu* se realiza e apresenta resultados a serem utilizados e à serviço do conjunto da humanidade. Aí estão algumas coisas, objetos e instrumentos que até pouco tempo atrás – 30, 40, 50 anos... – eram tidos como impossíveis de serem concebidos, mas que, hoje, são realidade e fazem parte de nosso cotidiano e, diga-se de passagem, seria muito difícil de imaginar nossa vida sem eles.

Exemplar disso é o fato de estarmos muitas vezes, à distância, conectados e nos vendo uns aos outros, algo que no início dos anos 1980 era tido como impossível. No entanto, algo bastante comum nos filmes que buscavam explorar as distopias de um mundo possível para a humanidade. Quando imaginávamos, no início daqueles anos, que poderíamos estar conectados, desde as nossas casas, por meio de um computador ou aparelho celular, conversando, vendo pessoas e interagindo com indivíduos localizados a centenas e milhares de quilômetros de distância.

Se lembrarmos bem, no início daqueles anos, para se usar o computador e processar algo – uma simples equação – era preciso ir até Centro de Processamento de Dados da Universidade, reservar um horário, bem como, antes disso, perder cinco a seis horas perfurando cartões para se realizar o referido cálculo. Algo que, hoje, nosso celular faz em menos de três segundos.

Estes processos de avanços científicos e tecnológicos podem ser observados em diferentes setores do conhecimento. Assim, em uma breve digressão e a partir de algumas grandes áreas da ciência moderna – compartimentada e pensada no interior das instituições de pesquisa –, é possível verificar:

- a) No âmbito das Ciências Humanas, que nunca imaginávamos ser possível reduzir os índices de pobreza e desigualdade social garantindo às populações menos favorecidas a oportunidade de chegar até a Universidade por meio de programas tais como REUNI junto a Universidades Públicas e o PROUNI junto as Universidades Privadas e ou com ela relacionar-se com a sociedade via projetos de extensão com grande incidência social como é caso do tão conhecido e paradigmático Projeto Rondon, por exemplo.
- b) No âmbito das Ciências Sociais Aplicadas, que nunca imaginávamos que pequenas mudanças no modo como se faz a gestão de recursos humanos e não-humanos no interior de diferentes empresas e instituições tais como é caso da Universidade e das Empresas em geral em relação ao trabalho em *home office* implicaria em mudanças estruturais e na necessidade de tanto as empresas quanto as universidades e, também, os trabalhadores a ele ligados reinventarem-se e aprenderem a comunicar-se e relacionar-se remotamente com seus alunos, fornecedores e clientes.
- c) No âmbito da Linguística, Letras e Artes, que nunca imaginávamos que seria possível se produzir digitalmente textos – como este, escrito em um conhecido editor de

textos, o *Word* – e imagens tridimensionais em casa como é o caso de alguns softwares para edição de textos e imagens como é o caso, por exemplo, do *Photoshop*, do *ArqCad* ou mesmo do *Word* de modo que um livro ou mesmo uma cidade inteira é capaz de caber no seu colo, ou mesmo na sua mão, na tela de um celular como esse que você tem no seu bolso neste momento.

- d) No âmbito das Ciências Agrárias, nunca imaginaríamos que seria possível monitorar a produção de grãos desde o espaço por meio do uso de satélites, bem como identificar possíveis queimadas ou desmatamentos irregulares, por meio do uso de câmeras de alta resolução e/ou de leitura infravermelha realizada por satélites que estão orbitando o nosso planeta.
- e) No âmbito das Ciências Biológicas, nunca imaginaríamos que um simples fungo se tornaria como um dos mais poderosos antibióticos e que, este, ao longo deste século salvaria a vida de centenas de milhares de pessoas, como é caso da penicilina. Ou ainda, que seríamos capazes de manipular geneticamente espécies vegetais, bactérias e outras formas de vida para que estes produzam mais alimentos, fermentem o leite e o transformando em iogurte, ou ainda, para que bactérias reduzam os índices de poluição das águas, por exemplo.
- f) No âmbito das Ciências da Saúde, nunca imaginaríamos que um simples pedaço de RNA de um vírus seria capaz de nos imunizar contra ele a ponto de conseguirmos erradicar de nosso país doenças que durante muito tempo eram tidas como fatais como é o caso, por exemplo, da tuberculose, da poliomielite, da varíola, do sarampo e mais recentemente do ebola, por meio de uma simples vacina e/ou de algumas gotinhas embaixo da língua? E, mais recentemente, da primeira vacina para o COVID-19, que no momento da escrita deste artigo já se encontra em testes clínicos em humanos, em diversos países.
- g) No âmbito das Ciências da Terra, nunca imaginaríamos que poderíamos produzir energia elétrica limpa a partir de estações geotermiais, das ondas do mar ou mesmo do vento como é o caso do parque eólico de Osório, no Rio Grande do Sul.
- h) No âmbito das Ciências Exatas, nunca imaginaríamos que seríamos capazes de processar milhares de pentabites de informação, em poucos segundos, em

computadores instalados em nosso gabinete na Universidade ou mesmo na palma de nossa mão, por meio de um aparelho celular.

- i) No âmbito das Engenharias, nunca imaginaríamos que seríamos capazes de produzir casas inteiras e/ou todo e qualquer tipo de peça de reposição para um estação orbital – ou mesmo próteses corporais e implantes – pelo uso de impressoras 3D, ou ainda, que num curto espaço de tempo, seríamos capazes de projetar e desenvolver respiradores de baixo custo como os que, hoje, estão chegando ao mercado em função da pandemia de COVID-19 e que, foram desenvolvidos nos laboratórios de nossas universidades.

Sim, a filha bastarda do Estado, a Universidade, apesar de ter sido deixada de lado por este durante muito tempo, com suas próprias pernas, seguiu seu caminho, enfrentou os desafios que o mundo e a vida lhe impôs e, hoje, quando o Estado brasileiro já senil não dá mais conta nem de cuidar de si e de suas próprias atribuições, este, deixa de lado os bancos e os grandes interesses do capital – esses tidos até então como seus filhos pródigos – e vêm a sua filha bastarda pedir alento e socorro para cuidar da Sociedade.

2.2 Do Diagnóstico

Sim, a Universidade é uma instituição secular e, desde muito tempo, esta tem dado suporte à sociedade e permitido que o homem avance rumo ao infinito, de modo que os últimos anos têm sido de muitos progressos científicos e tecnológicos. Este é um trabalho permanente e hoje em plena crise da saúde e de seus diferentes setores e alcances, as universidades têm um enorme repertório de estudos e pesquisas, feitos a cada dia e entregues à sociedade. Para tanto, basta averiguar o que foi apresentado por elas no I Congresso da ANDIFES (Associação Nacional de Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior), realizado nos últimos dias 17 e 18 do corrente mês de junho³.

Contudo, eu gostaria de lembrar, junto ao que já foi dito, uma importante invenção, se não a maior delas, que é a escrita. Pois, esta nos permite documentar o passado, registrar o presente, prospectar o futuro, avançar a partir do ponto em que os outros pararam e passar o nosso legado

³ Disponível em: <https://youtu.be/EPtzm-XzN3o>.

às futuras gerações. Pois ela, a escrita, é um elo de manutenção e ligação entre aquilo que é e foi produzido em diferentes tempos e lugares.

É justamente neste último ponto que reside, portanto, o grande desafio que se impõe à Universidade com vistas ao seu papel de preservar e promover a vida, qual seja: o de fomentar e de explorar, na sociedade, o desenvolvimento de *valores*. Valores que, há muito, os atuais modelos e atores do desenvolvimento econômico, social, cultural e político têm menosprezado, na medida em que o acesso, o uso e os benefícios obtidos se restringem a partes da humanidade, acentuando a exclusão de significativas parcelas da população do planeta. Valores esses, construídos para todos, mas, de fato, utilizados por poucos. Mas, são esses valores que nos permitem responder como se produz a ciência, para o que se faz ciência e para quem essa ciência é dirigida.

Seu valor e importância são subtraídos na medida em que os princípios de igualdade, fraternidade, solidariedade e democracia são esquecidos. Tornam-se “letra morta” e, quando implantados, revelam, na realidade, sua ambiguidade, tão bem explicitada na expressão de Francisco de Oliveira: “as ideias fora de lugar e o lugar fora das ideias”. Sentença essa que, desde muito tempo, têm servido ao Estado como forma de renegar àquela que ele tem como uma filha bastarda, a Universidade, em favor de seus “irmãos pródigos” que apenas usurpam das famílias brasileiras a comida de sua mesa sob a égide de estar usando o dinheiro público – dinheiro público não existe, não se cria, ele sai da mesa do trabalhador e do contribuinte e para que alguém possa contar com ele em seu orçamento, outro têm que ficar sem.

Dito de outra forma e conclusivo esse diagnóstico, podemos dizer que as grandes e destruidoras crises pelas quais a humanidade de quando em quando atravessa, e, no tempo presente, a pandemia de COVID-19, que está a nos assolar, evidenciam, de um lado, a grandeza da ciência e, de outro, a sua pequenez e seu restrito valor de uso. Relação essa manifesta a partir do modo como o Estado, desde muito, têm se relacionado e tratado a Universidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São essas as constatações que, ao mesmo tempo em que apresentam um significado superlativo, revelam um esgarçamento e uma consequente e perplexa paralisia das Universidades

Públicas que se veem sufocadas diante de pesados desafios que, sem dúvida, podem definir de modo duradouro o seu futuro, como salienta Roberto Leher em recente artigo e em um provocativo debate organizado pela Universidade de Juiz de Fora, no congresso da ANDIFES acima mencionado⁴. É por isso que, apesar do tom metafórico com o qual nos ocupamos nesse breve ensaio em que comparamos a relação macrosistêmica existente entre o Estado e a Sociedade e, do primeiro com a Universidade, os Bancos e os Interesses do Capital, com o plano microsistêmico da família, que buscamos aqui constelar os interesses e as relações que estão em jogo nesse momento de tão profunda crise social, econômica e política.

Contexto esse, de pandemia, de quarentena e isolamento social e de incapacidade tanto do Estado quanto de seus filhos pródigos de garantir condições mínimas de renda a grande parte da população brasileira e que, hoje, coloca nos ombros daquela a quem este sempre teve como uma filha bastarda, a responsabilidade de dar uma resposta aos problemas com os quais o Estado não consegue lidar. É fato, que estamos diante de um futuro incerto e que a Universidade enquanto instituição também tem os seus dilemas. Mas estamos diante de um novo tempo, com demandas diferenciadas e pouco conhecidas e com outros modos de fazer e operacionalizar a vida acadêmica que são exigidos e ainda necessitam ser pensados, construídos, planejados e gerenciados a partir de novos e provocadores parâmetros.

Em função disso, tem-se então que estamos, portanto, mais uma vez, diante de um momento histórico em que a Universidade é instada a se transformar e a se reconstruir com vistas a conseguir oferecer as respostas que dela são exigidas nesse momento. E, assim, desempenhar, com efetividade e legitimidade, o seu papel, qual seja, da filha que mesmo execrada pelo pai, nunca deixa os seus e a sociedade – a mercê do seu algoz, o Estado.

Respostas essas que somente serão encontradas a partir de ações sustentadas e balizadas por um conjunto de valores consensuados em alguns grandes princípios, quais sejam: a) a excelência acadêmica sem a exclusão de áreas, setores, pessoas e compromissos sociais, políticos e econômicos assumidos anteriormente; b) a inclusão social, tendo em vista a sua natureza institucional enquanto *res publica*, coisa de todos e para todos; c) as condições de trabalho qualificadas, inovadoras, próprias ao conteúdo intrínseco da instituição, enquanto produtora de

⁴ LEHER, Roberto. Universidades Públicas, aulas remotas e os desafios da ameaça neofascista no Brasil. **Carta Maior**, 02/06/2020. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Educao/Universidades-publicas-aulas-remotas-e-os-desafios-da-ameaca-neofascista-no-Brasil/54/47699>. Acesso em: 29 jun. 2020.



Ministério da Educação
Universidade Federal de Santa Maria
Observatório Socioeconômico da COVID-19



bens públicos; e também, d) o uso de novos instrumentos tecnológicos: de comunicação, de informática e de produção digital.



OSE
Observatório
Socioeconômico
da COVID-19